

CORPO E CORPOREIDADE NA POESIA DE ESCRITORAS AFRO-BRASILEIRAS

Claudemir da Silva Paula (UNIR)

RESUMO: Trata de uma proposta de pesquisa cujo objetivo é refletir sobre o processo de ressignificação do corpo e reescritura da corporeidade como elementos da construção da identidade da mulher negra na poesia de escritoras afro-brasileiras, a partir do estudo das obras poéticas de Alzira Rufino, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e Mirian Alves. A literatura produzida por essas mulheres ocupam um lugar de representação das dimensões e das experiências socioculturais. Emerge, flui e significa inserida num ambiente que a legitima porque é escritura de mulheres que não somente se vem como negras, mas se querem negras. Parte-se do pressuposto que seus poemas não são somente um contraponto ao discurso oficial da beleza idealizada, mas uma linguagem criadora capaz de ressignificar atributos corporais de uma coletividade. Essas poetisas articulam/negociam/criam sua(s) identidade(s) a partir de escritura de corpos e corporeidade, em um tom performático, sobre si/outras. O texto/escritura/poema, está sendo considerado na perspectiva de Baba (2001): Um processo que postula significação, como uma produção sistêmica situada dentro de determinados sistemas e instituições de representação. Nessa direção investigativa, ser negra é um processo de descoberta, de um constante querer, “situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista, e ser negra numa sociedade racista.” (MUNANGA, 2006, p. 133). Não se trata de incluir o elemento negro feminino como adereço na escrita, mas de repensá-lo a partir da perspectiva da mulher negra, das vivências de suas africanidades “contaminado pela condição de sujeito mulher negra na sociedade brasileira”(SILVA, 2010, p.54). A proposta se insere no âmbito dos Estudos Culturais tendo como enfoque a linguagem e a questão da identidade, centrada na problematização do corpo e corporeidade afro-feminino.

1. INTRODUÇÃO

Se no período da escravização o corpo da mulher negra era usado para estabelecer a relação entre senhores e escravas e o lugar a ser ocupado entre a casa grande e a senzala, na pós-abolição, o corpo passou a ser ícone mercadológico, ambíguo, como critério para classificar as mulheres, de modo geral, nos mais diversos espaços. Alisar o cabelo, por exemplo, significa muito mais do que uma opção estética: é uma exigência para ser aceita no mercado de trabalho, ser vista como bela,

ser tratada com respeito. O cabelo liso é a expressão de beleza feminina, corriqueira, cotidiana. Para muitas mulheres negras, o alisamento dos cabelos é um recurso necessário à sua felicidade, condição a realização de seu sonho mais profundo; a porta de entrada ao mundo moderno de pessoas elegantes¹.

De igual modo, na literatura nacional abundam descrição de mulheres negras sempre associadas ao trabalho manual, à sensualidade e a submissão. A representação Jelu de Gregório de Matos, rainha das putas ou da mulata sensual e fogosa, Rita Baiana, de Aluísio de Azevedo, personificam modelos arquetípicos de tratamento dispensado ao coletivo de mulheres negras, como se verifica no fragmento de *O Cortiço*, nas quais, um só tempo, no corpo, a “performance cultural” estigmatizante do racismo - cor da pele e cabelo - e o do machismo - submissão e exploração- se concretizam.

Só aquele demônio tinha o mágico segredo, daqueles movimentos de serpente amaldiçoada. (...) Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sextas da fazenda. E ela, apesar de volúvel como toda mestiça (...) (AZEVEDO, 2005, p. 498);

Culturalmente, nos mais diversos espaços sociais, se cristalizaram processos assimilacionistas cuja reação culturalmente esperada é a negação dos padrões estéticos do corpo negro. Divergindo desse padrão, algumas escritoras negras, a partir da autoafirmação “do ser negra no mundo”, se contrapõem a rejeição do corpo negro feminino expresso em simbologias estéticas do mundo ideal branco, criando para si, no espaço intersticial da literalidade, mecanismos de simbolização positiva do corpo da mulher negra. Uma forma muito particular de escritora negra apresentar respostas contraditórias às expectativas do senso comum que se tem sobre elas (tornar-se branca, assimilando os valores do ideal da branquidão e negando, por processos diversos, a condição de mulher negra). De fato, não é em si um movimento novo se pensarmos nos diversos mecanismos de resistência adotados no período da

¹ Tem-se por referência mulheres que por razões diversas assimilaram como padrão de beleza os conceitos associados à mulher branca, cujos cabelos lisos remete ao popular cabelo bom em oposição ao cabelo encarapinhado que seria o cabelo ruim.

escravização dos povos africanos. Todavia, nos parece interessante discutir como os elementos corporais que são usados para discriminar são transformados em recursos lingüísticos, “força motriz, que se faz palavra e cria mundos capazes de dar a si mesma uma nova identidade” (PAZ, 1982, p. 234).

A literatura produzida por essas mulheres ocupa um lugar de representação das dimensões e das experiências socioculturais. Emerge, flui e significa inserida num ambiente que a legitima porque é escritura de mulheres que não somente se vem como negras, mas se querem negras. Seus poemas não são somente um contraponto ao discurso oficial da beleza idealizada, mas uma linguagem criadora capaz de ressignificar atributos corporais de uma coletividade. Essa ressignificação é de fundamental importância, pois permite novas formas de elaborações de esquemas corporais, rompendo com os múltiplos e difusos elementos que determinam espaço restrito na corporeidade. Essas poetisas articulam, negociam, criam sua(s) identidade(s) a partir de escritura de corpos e corporeidade, em um tom performático, sobre si/outras, “circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras” (SILVA, 2010. p. 27).

Para situar a discussão convém que pontuemos elementos de aproximação existente entre a literatura dessas escritoras: Alzira Rufino, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e Mirian Alves. O primeiro reside no fato de que essas autoras se fazem sujeito do próprio discurso e “deixa de ser o “ele/ela” para ser protagonista, tornando-se o “eu” que tem a posse de suas falas (HATTNHER , 2009, p. 80)”. O torna-se sujeito, passar da condição de ser o “outro”, para ser o eu que fala, todavia, requer, nos termos de Hattnher (2009) “necessariamente uma experiência histórica do ser negro” (HATTNHER , 2009, p. 81). Essa experiência é caracterizada em Rufino, Evaristo, Guimarães e Alves, por uma experiência ativista, empenhada em combater o racismo, a violência doméstica contra a mulher (negra). Constitui-se em uma experiência de denúncia da condição social dos afro-descendentes buscando dar visibilidade, através da literatura, a um coletivo silenciado. Ao trazer essas temáticas para os poemas assumem um posicionamento político e “assumindo a função de poetisas, deslocam-se de espaços demarcados e de alegorias aprisionadoras” (FONSECA, 2004, p. 290) criando novos espaços simbólicos de representação. No

recorte que fazemos, estamos interessados na experiência de combate ao padrão idealizado da beleza feminino no qual a magreza, o cabelo liso (louro) e pele clara não só são sinônimos de beleza, mas instrumentos sócio-culturais para estabelecer lugares (in)apropriados para as mulheres cujo corpo se apresenta contrariando esse padrão.

Um segundo elemento importante na escritura dessas mulheres negras é a perspectiva. Por mais que tenhamos um espaço geográfico delimitado no qual emergem suas produções, elas não se limitam a ele. É uma escritura transnacional e diaspórica. Uma literatura de convergência de múltiplos lugares e culturas. “Experiência das mulheres negras que, ao mesmo tempo, negocia e renegocia suas identidades” (BOYCE -DAVIES, 1994, p. 3 apud GONÇALVES, 2008, p. 32), mas todas interlocutoras do mesmo diálogo literário: “Ser negra de carapinhas, de dorso brilhante, Nos traços, Nos passos. De verso e reverso” (GUIMARÃES, 1986, p. 76).

É preciso explicitar que estamos considerando poemas de autoria feminina negra (ou literatura afro-feminina)², na perspectiva de SILVA (2010) “uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui de temas feminino-feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades” (SILVA, 2010, p. 20).

O texto/escritura/poema, desta forma, passa a ser considerado na perspectiva de Bhabha (2001, p. 98) “Um processo que postula significação, como uma produção sistêmica situada dentro de determinadas sistemas e instituições de representação”. Assim, as mulheres sobre os quais nos propomos a refletir colocam-se em local privilegiado da sua própria escrita. Elas assumem a condição de locutoras de suas por opção e tomam o corpo como signo e arte para, a partir dele, elaborar sua escritura poética. A representação do corpo é recriação, existência, movimento e não somente um produto intelectual, uma imagem idealizada, mas uma experiência vivida. E por assim ser, apresenta-se como um fenômeno complexo, não se reduzindo à perspectiva de objeto registro, mas condição para sua existência no mundo:

² Não nos daremos a discutir as nuances interpretativas entre as nomenclaturas. Aqui os termos são usados com sentidos análogos.



Uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2005, p. 54).

Nessa direção investigativa, ser negra é um processo de descoberta, de um constante querer, do movimento de tornar-se tensão, “situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista, e ser negra numa sociedade racista.” (MUNANGA, 2006, p. 133). É profundamente promissor pensar que estas mulheres, que escrevem, conseguem emergir das mais forçosas situações de desprezo e silenciamento. Mulheres que se querem negras, se vêm como belas por ser negras, falam de coisas de seus mundos e do mundo de uma coletividade, da história de suas vidas, da vida histórica de outros com os quais se sentem mulheres negras.

Desta forma, o que interessa na problematização e discussão da construção da identidade da mulher negra, a partir das expressões ligadas ao corpo e representação da corporeidade, é a percepção de como o corpo é concebido como núcleo das significações e passa a ser o lugar da produção do sentido no processo de escritura. De igual modo, vislumbra-se o processo de escape à negrofobia e ao surgimento do querer ser negra. Essa dimensão corporal dialoga com a filosofia bantu (e muitas outras das cosmovisões africanas) que não separa o corpo do espírito, onde o ser é estar no mundo, numa relação de coexistência. Como poetizas Rufino, Evaristo, Guimarães e Alves, nos fala de coisas que lhe são próprias falam de temas que são seus. A escritura não é, portanto, tomada como explicação da condição da mulher negra, de dificuldades, de problemas existenciais, mas como experiência que revela e se manifesta na poetização do corpo, daquilo que é vivido como atividade intencional, da reescritura da corporeidade.

2. INTENCIONALIDADE DA PROPOSTA

A proposta desta maneira se apresenta problematizando o corpo e corporeidade da estética afro-feminina em duas dimensões: a primeira busca saber o que as escritoras fazem com a escrita; a segunda, aquilo que a escrita faz com elas (e com outras). Trabalha-se aqui com a hipótese de que a memória da ancestralidade africana reconstruída no Brasil tenha influenciado a seleção de temas na construção de uma imagem satisfatória de si, mas não é causa determinante na escolha dos recursos de linguagem e estratégias utilizadas pelas escritoras para reversão da condição de coisificação cristalizada pela literatura. O corpo, como experiência de si, recriado através das palavras, seria sua fonte. O que se advoga como passível de veracidade é que a identidade da mulher negra se faz, reflete e refrata a partir das expressões de seu corpo, na vivência de sua corporeidade. A “essência” dessa identidade é simbolicamente construída a partir do corpo num processo particular e de particularidades da escritura feminina negra. O corpo negro feminino não é simplesmente um objeto, mas linguagem. Não se trata de incluir o elemento negro feminino como adereço na escrita, mas de repensá-lo a partir da perspectiva da mulher negra, das vivências de suas africanidades³ “contaminado pela condição de sujeito mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2005, p. 54).

A compreensão das questões específicas do “ser negra no Brasil” é significativa porque primeiro lança luz sobre um segmento da literatura brasileira que tem, por vezes, a visibilidade ofuscada, não por razões de suas características, mas porque ainda é vista a partir do modelo de sociedade hierarquizado, cuja classificação é operada pelo inter cruzamento de conceitos de cor/raça, gênero e classe. Nesse sentido, problematizar poemas que funcionam como espaço para a construção de identidade da mulher negra pode auxiliar no esclarecimento de questões históricas, como a opressão exercida pelas mulheres brancas sobre as mulheres negras ou o branqueamento de diversos setores da sociedade, impenetráveis à mulher desprovida dos atributos físicos da brancura. Podem, por outro lado, contribuir para melhor especificação e diferenciação dos elementos que conferem especificidade à produção

³ Tomo por conceito de africanidade, traços culturais que advêm de cosmogonias e culturas africanas ressignificadas no Brasil.

literária dos brasileiros descendentes de africanos, apontando elementos significativos que podem nos ajudar a aprofundar e dar outras interpretações sobre o cânone literário brasileiro. Na ótica da dimensão da vida prática, através do estudo da ressignificação dos corpos, podemos compreender melhor vários aspectos da vida social e da individualidade no complexo processo de construção da identidade negro-branca/branca/parda no Brasil. Ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça/cor e gênero pode-se “estabelecer vias de diálogo da atual produção literária afro-brasileira com a tradição literária do país” (HATTNHER, 2009, p. 84).

De forma específica, intenciona-se descrever as formas representativas do corpo ligadas ao corpo e corporeidade e simbologias transmitidas por estas representações no processo de desconstrução dos estereótipos e juízos morais negativos sobre mulher negra no paradigma de beleza idealizada no longo período de escravização no Brasil. Buscar-se compreender de que forma(s) a ressignificação do corpo, no contexto da miscigenação, afeta as relações sociais e afetivas de gênero e de raça/etnia. Uma dimensão interessante seria, por exemplo, tentar compreender se o tempo e o espaço da mulher negra são diferentes das outras mulheres, especialmente, quando se sabe que determinados locais existem espaços que a mulher negra não pode entrar e quando alguma entra, é exceção, coisa exótica. Podemos também problematizar sobre influencia das marcas lingüísticas de línguas africanas da autoria e na voz do eu lírico ou sobre “as inovações lingüísticas na estilização retórica do corpo” (HALL, 2006, p. 343) em convergência/divergência com a noção de lugar da mulher negra determinados pelos racismo/machismo, o ideal de branqueamento e o mito da democracia racial, observando aspectos de temas, recursos expressivos, estruturas formais, adaptações fonéticas, emprego de formas dialetais e usos lexicais.

3. O CORPUS DA PESQUISA

A construção do imaginário da beleza feminina negra tanto em relação ao sentimento de pertença ao mundo simbólico afro-brasileiro quanto em contraposição



ao ideário de beleza nacional é o ponto central dessa proposta. Pretende-se trabalhar, de Rufino, as obras *Eu, mulher negra, resisto* (1988) e *Bolsa poética* (2010); de Evaristo os *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); de Guimarães as obras *Terceiro filho* (1979), *Da flor o afeto, da pedra o protesto* (1981) e *Balé das emoções* (1993); e de Alves, *Momentos de busca* (1983) e *Estrelas no dedo* (1985). Além disso, pretendemos lançar mão de publicações realizadas em antologias poéticas, em especial Axé; *Antologia contemporânea da poesia negra brasileira* (1982). *Antologia de poetas negros brasileiros* (1986), *Schwarze Poesie; Poesia Negra* (1988); *Poesia negra brasileira: antologia* (1992) e os *Cadernos Negros* editados pelo grupo Quilombjhoje.

A proposta se insere no âmbito dos Estudos Culturais tendo como enfoque a linguagem e a questão da identidade centradas na problematização do corpo e corporeidade afro-feminino, a partir de APPIAH (1997); ASHCROFT, Bill et al (1994); BERND (1988); FANON (1983), HALL (2002) e BABHA (2001). A pesquisa remete ao exercício analítico, comparativo e interpretativo e, por assim ser, implica necessariamente a interdisciplinaridade na abordagem teórico-metodológica. Nossa intenção é localizar a pesquisa na análise do poema, sem desconsiderar a inserção deste na cultura, além do seu papel específico de instrumento constituído e criador/inventor de sentidos.

Referências

ALVES, Miriam. **Estrelas no dedo**. São Paulo: Edição da autora, 1985.

_____. **Momentos de busca**. São Paulo: Edição da autora, 1983.

ALVES, Mirian & DURHAM, Carolyn R. **Finally us. Contemporary Black Brazilian Women Writers**. Colorado: Three Continent Press, 1995.

APPIAH, K. A. **Na casa de Meu Pai: A África na Filosofia da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ASHCROFT, Bill et al. **The Empire writes back: theory and practice of post-colonial literatures**. New York: Routledge, 1994



ASHCROFT, B. et al. **The Post-Colonial Studies Reader**. London: Routledge, Taylor & Francis e-Library, London and New York, 2003.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Ficção Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 498

BABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CADERNOS Negros: **Os melhores poemas**. São Paulo: Quilombhoje; Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

CAMARGO, Oswaldo de (Org). **A razão da chama**: antologia de poetas negros brasileiros. São Paulo: Edições GRD, 1986.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. **Fêmea fênix**. In: Maria Mulher – Informativo, ano 2, n. 13, 25 jul. 2005

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Livraria Fator, 1983

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues. **Conexão Brasil, Uruguai, Haiti: a Escrita Feminina Negra na América Latina**. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 31 - 40, jan./jul. 2008.

GUIMARÃES, Geni. Integridade. In: CAMARGO, Oswaldo de (org). **A razão da chama** – Antologia de poetas negros brasileiros. São Paulo: GRD, 1986, p 76

_____. **Balé das emoções**. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1993

_____. **Da flor o afeto, da pedra o protesto**. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1981

_____. **Terceiro filho**. Bauru: Editora Jalovi, 1979.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HATTNHER, Álvaro. **A poesia negra na literatura afro-brasileira**: exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 17-A (dez. 2009)

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

RUFINO, Alzira. **Bolsa poética**. Santos: Demar, 2010.

_____. **Eu, mulher negra, resisto**. Santos: Ed. da Autora, 1988.

RUTHERFORD, J (org). **Identity: Community, Culture, Difference**. Londres: Lawrence and Wishart Souza. 1990

SILVA, Ana Santiago da. **Memórias e (Re) invenções de identidades na Literatura Afro-feminina**. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. Anais. 2008.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Literatura de Autoria Feminina Negra: (Des) Silenciamento e Resignificações**. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista v. 2, n. 1 p. 20-37 jan./jun. 2010